



A hostilização do (O)outro no contexto das eleições presidenciais de 2018

The harassment of the (O)other in the context of 2018's presidential election

Janaina Ferreira CORIOLANO*

Eliane Righi de ANDRADE**

RESUMO: Durante o período das eleições presidenciais de 2018 no Brasil observou-se um grande movimento de polarização, principalmente no segundo turno, que se concentrou na oposição entre os grupos que apoiavam os candidatos Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). Nesse sentido, o presente artigo busca abordar de que modo esses grupos polarizados construíram representações a respeito do grupo oposto e estabeleceram sua relação com o (O)outro no espaço discursivo do *Twitter*, visto que foi um espaço de grande circulação e (re)produção dos discursos polarizados. Apresenta-se como *corpus* recortes retirados de postagens no *Twitter*, circuladas no dia 7 a 27 de outubro de 2018. Além disso, a Análise do Discurso, principalmente via estudos do discurso de linha francesa, é tomada como dispositivo teórico-analítico, afim de trabalhar com a materialidade da língua e da imagem desses enunciados. O estudo qualitativo e interdisciplinar busca

ABSTRACT: During the period of the 2018's presidential election in Brazil a movement of polarization was observed, especially during the second round, which concentrated in the opposition between the groups that supported the candidates Jair Bolsonaro (PSL) and Fernando Haddad (PT). In this way this article aims to approach in which ways the polarized groups built representations around the opposite group and established a relationship with the (O)other in the discursive space of *Twitter*, since it was a space of wide spreading and (re)production of the polarized discourses. Is presented as *corpus* excerpts from posts that circulated on *Twitter* from October 7th to 27th, 2018. Besides, the Discourse Analysis, especially through discourse studies in French perspective, is taken as theoretical and analytical device, in order no work with the language and imagetical materiality of the utterances. The qualitative and interdisciplinary study

* Mestra em Linguagens, Mídia e Arte pela PUC-Campinas. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0852-5763>. janaina.coriolano@gmail.com.

** Doutora em Linguística Aplicada pela Unicamp, professora e pesquisadora na PUC-Campinas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4610-4262>. elianerighi@terra.com.br.

apoio na perspectiva metodológica da etnografia digital, no modo de conceber e estudar essas comunidades polarizadas que permeiam a rede social. Os grupos “apelidados” de “comunistas” e “bolsominions”, de acordo com representações criadas nesse período, estabeleceram uma relação de hostilidade com esse (O)outro, apresentando dizeres que ofendiam, deslegitimavam e, muitas vezes, retiravam o (O)outro de sua posição de sujeito. A defesa de uma “verdade” absoluta pelos grupos acabou por contribuir para a emergência de uma violência discursiva, com o uso de palavrões e ataques *ad hominem*. No período das eleições de 2018 o (O)outro foi colocado como um “de fora”, assumindo, muitas vezes, uma posição de “estranho”, “abominável”.

seeks support in the methodological perspective of digital ethnography, in the way of conceiving and studying the polarized communities that surround the social media. The groups called as “communists” and “bolsominions”, according to the representations created in this period, established a relation of harassment with the (O)other, presenting sayings that offended, delegitimized and, in many moments, removed the (O)other of their position as a subject. The defense of an “absolute truth” by the groups contributed for the emergency of a discourse violence, using swearwords and *ad hominem* attacks. During the 2018’s election the (O)other was put as an “outsider”, taking, in many moments, the position as a “strange”, “abominable”.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Polarização. (O)outro. Discurso violento.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Polarization. (O)other. Violence discourse.

1 Introdução

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado mais abrangente que apresentava como objetivo compreender de que forma os modos de subjetivação se constituíram identitariamente por meio dos discursos polarizados veiculados no *Twitter*, no período do segundo turno das eleições presidenciais de 2018 no Brasil.

Com base na análise de postagens e do estabelecimento de três eixos temáticos de análise, a pesquisa buscou investigar quais os efeitos e produções de sentido esses discursos polarizados apresentaram, de modo que os sujeitos pudessem, ou não, se identificar com eles. Além disso, analisamos quais discursos outros eles traziam à tona, tudo isso à luz das condições de produção dos recortes.

Tendo como suporte a Análise do Discurso, via estudos do discurso de linha francesa, e trabalhando com a materialidade da língua e da imagem dos enunciados,

também apontamos quais representações foram delineadas em torno dos candidatos Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, bem como em torno de seus respectivos grupos de apoiadores. Buscamos, ainda, compreender de que modo as relações de poder e verdade estavam atreladas aos discursos polarizados e na forma como esses grupos estabeleceram uma relação e conceberam o (O)outro.

Buscamos compreender de que modo as relações de poder e verdade estavam atreladas aos discursos polarizados e na forma como esses grupos estabeleceram uma relação e conceberam o (O)outro.

O discurso político é marcado por um jogo de oposições, um partido *versus* o outro, uma ideologia *versus* a outra, em busca de um ideal que se coloque como correto e como “verdade”. Desde a Guerra Fria (1947-1991), caracterizada pelo embate entre EUA e a antiga URSS, até contextos mais atuais, como o *Brexit* – marcado pela oposição entre grupos que defendiam ou eram contra a saída do Reino Unido da União Europeia – e o processo de separação da Catalunha na Espanha – entre aqueles que defendiam ou não a independência da região –, percebemos a reprodução na política de modelos ideológicos polarizados.

Historicamente, a nomenclatura de partidos de esquerda e de direita surgiu em meados da Revolução Francesa, no final do século XVIII, na reunião dos Estados Gerais, de forma que os delegados que defendiam o igualitarismo e a reforma social sentavam-se à esquerda do rei, enquanto os delegados que apoiavam a aristocracia e o conservadorismo, sentavam-se à sua direita (TAROUÇO; MADEIRA, 2013). Assim, na Europa, a distinção entre a esquerda e a direita passou a ser associada ao liberalismo político¹ (esquerda) – que depois se estendeu a outros campos como o econômico, cultural etc. – em oposição ao conservadorismo (direita).

¹ “O liberalismo como corrente de pensamento: se contrapõe ao conservadorismo como corrente de pensamento”. Essa corrente adjetiva “a pessoa que possui ideias flexíveis e abertas, tendente a ser mais tolerante com a diversidade e com o novo.” Conceituamos, aqui, o liberalismo político, uma vez que ele

A expansão do movimento operário e a difusão do marxismo foram incorporadas pela esquerda, principalmente por meio da defesa da classe proletária, de forma que, em função dos debates da social-democracia, no final do século XIX, bem como da revolução russa de 1917, “a defesa do capitalismo desloca a burguesia para a direita” (TAROUCO; MADEIRA, 2013, p. 151).

Outro elemento que passou a ser característico da direita foi o liberalismo, uma vez que, com o surgimento do keynesianismo² (a partir da década de 1930) e dos Estados de bem-estar social, houve o reforço da oposição entre a liberdade de mercado e o interventor, contribuindo para que o pensamento da esquerda e da direita fossem apresentados como dicotômicos e polarizados.

Os autores reforçam a necessidade de essas classificações político-ideológicas serem analisadas e consideradas além da dicotomia “intervenção estatal X livre mercado”, já que essas definições, bem como seus conteúdos, variam imensamente ao longo da história e de acordo com a perspectiva teórica, o contexto sociocultural, entre outros aspectos. Apesar disso, as “preferências políticas entre partidos, em termos ideológicos, vêm sendo utilizadas como variável independente para explicar desde coligações eleitorais até prioridades orçamentárias dos governos” (TAROUCO; MADEIRA, 2013, 150).

Bobbio (2000, p. 128) ainda salienta que não haveria a existência de um “socialismo”, mas sim “socialismos”, assim como existiriam “liberalismos” que se manifestaram e se manifestam em vários contextos, de maneiras diferentes. De modo a encontrar algo que aproxima essas diferentes manifestações ideológicas socialistas, para Bobbio (1994, p. 39) “(...) socialismo, em todas as suas diferentes e contrastantes encarnações, significa, antes de tudo, uma coisa: mais igualdade”.

se difere do liberalismo econômico, defendido, por exemplo, pelo PSL no período de campanha (POLITIZE, 2020, sp).

² O Keynesianismo é uma doutrina político-econômica oposta ao liberalismo econômico, na qual o Estado tem um papel preponderante na organização de um país (TODA MATÉRIA, 2020, sp).

O que aproximaria as diversas formas de liberalismo seria, por sua vez, a desigualdade, ou seja, “aquele que tende a colocar em evidência não aquilo que os homens têm em comum, mas aquilo que têm de diferentes enquanto indivíduos” (BOBBIO, 1994, p. 40).

A visão de Bobbio (1995), citada por Brugnago e Chaia (2015, p. 102-103), ressalta que a direita e a esquerda formam uma “díade”, uma forma de pensamento na qual a existência de uma implica a existência da outra. Assim a direita só poderia existir com a presença da esquerda, e vice-versa. O autor ainda classifica esse pensamento como “antiético”, visto que reafirma uma oposição como necessária e assim “um pensamento político de esquerda só pode existir se houver um pensamento político de direita para a contraposição” (BRUGNAGO; CHAIA, 2015, p. 102-103).

Desse modo, esquerda e direita seriam termos antagônicos que se referem a ideologias, pensamentos e ações políticas há muitos anos, mas que foram sendo ressignificados nos mais diversos contextos, podendo, ou não, estar conectados com seu contexto de surgimento (SILVA; MORAES, 2019, p. 169). Sendo assim,

“Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente a ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesse e de valorações (valutazion) a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer (BOBBIO, 1995, p. 33)

Apesar de concordarmos com a visão de Bobbio (1994), de modo que não podemos conceber “uma direita” e “uma esquerda” de maneira “fechada” e “única”, no contexto brasileiro a generalização entre uma “esquerda” e uma “direita” que se colocam como polarizadas, pautada na visão de um senso comum, nos pareceu ser

retomada de modo muito acentuado³. Essa questão tem se colocado de modo crescente nos últimos anos principalmente devido ao contexto histórico-político.

Em 2013, o país passou por uma onda de protestos conhecida por “Jornadas de junho de 2013”, que se iniciou com o “Movimento Passe Livre”⁴, o qual criticava o aumento da passagem de ônibus e metrô de R\$ 3,00 para R\$ 3,20 em São Paulo. A possibilidade de gravar os protestos com celulares e transmitir nas redes sociais fez com que a indignação aumentasse e o movimento passasse a abrigar tanto manifestantes considerados de esquerda, quanto de direita (CHAIÁ; BRUGNAGO; 2014, p. 104).

Um protesto local de São Paulo se transformou em vários protestos espalhados por todo o Brasil, que não mais reivindicavam a redução nos preços do transporte, mas exigiam mudanças em diversos setores sociais. A manifestação que reunia bandeiras vermelhas e verde amarelas começou a se fragmentar e os grupos passaram a defender suas próprias reivindicações “individuais”, de modo que foram inseridas demandas diversas desde o “Fora Dilma”, presidente eleita pelo PT, até “Fora Alckmin”, governador do estado de São Paulo na época.

³ Por esse motivo, apresentaremos nesse artigo uma visão mais “estereotipada” entre esquerda e direita, no intuito de reproduzir a visão e os dizeres polarizados que veicularam no *Twitter* pelos grupos de apoiadores. Percebemos que a visão desses grupos foi construída de modo homogêneo e pautado no “senso comum”.

⁴ O MPL luta pelo transporte público, gratuito e acessível para a população, fora da iniciativa privada. Além disso, o movimento “social autônomo, apartidário, horizontal e independente” defende a democratização do espaço urbano e a tarifa zero. (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2020).

A oposição entre “coxinhas”⁵ e “petralhas”⁶ e as manifestações de insatisfação com a corrupção acarretaram outros eventos que marcaram o ano de 2015: os movimentos pró e contra o *impeachment* da presidente Dilma. Ocorreram várias manifestações populares contra a crise político-econômica iniciada em 2014, com o intuito de protestar contra o governo Dilma e ainda defender a Operação Lava Jato, que se propunha inicialmente a investigar processos de corrupção no governo envolvendo políticos e empresas públicas e particulares.

Os manifestantes ocuparam vários lugares do país, incluindo o Palácio do Planalto em Brasília e usavam símbolos nacionais como a bandeira brasileira e suas cores, as quais foram estampadas em camisetas e cartazes, muitas vezes com trechos do hino nacional.

O processo que culminou no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff iniciou-se em 2 de dezembro de 2015 e se estendeu até 31 de agosto de 2016, com a cassação do mandato da parlamentar. Em contraposição aos movimentos pró-*impeachment* e o movimento “Tchau Querida”⁷, a presidente teve apoio de movimentos sociais e de organizações sindicais, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o MTST, que organizaram manifestações contra o impedimento da parlamentar do PT.

⁵ É um termo pejorativo utilizado pelos grupos de esquerda para apelidar aqueles que se apoiam em uma ideologia política de direita. São identificados como sujeitos que ostentam um padrão de vida elevado e posturas conservadoras, além de serem representados como “arrumadinhos” ou “almofadinhas”. A alcunha foi inicialmente utilizada por meninos expulsos pela polícia das portas de lanchonetes para se referirem aos policiais que faziam a ronda e recebiam em troca coxinha e café dos comerciantes. O termo se referia ao fato de os policiais esconderem sua própria condição e defenderem os comerciantes.

⁶ O termo “petralha” faz referência aos personagens das histórias em quadrinhos e dos desenhos animados da Disney, os irmãos Metralha, que formam uma quadrilha de ladrões atrapalhados, que, na maioria das vezes, tentava assaltar os cofres do milionário Tio Patinhas. O nome dos irmãos Metralha deu origem a termos para se referir aos governantes e militantes do PT, como “petralhas” e “petralhadas”, o que se configura como uma designação pejorativa.

⁷ A expressão foi utilizada por Lula no dia 16 de março para se despedir de uma ligação com Dilma, na qual o ex-presidente chamava a cidade de Curitiba de “República de Curitiba”, local em que se iniciou a Operação Lava Jato. A ligação entre os parlamentares foi grampeada com a autorização do juiz Sérgio Moro e divulgada posteriormente, de modo que a expressão foi reapropriada pelos movimentos pró-*impeachment* da presidente (PACETE, 2016, sp).

No dia do julgamento do *impeachment* de Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016, no canteiro central da Esplanada dos Ministérios, foi utilizado o chamado “cordão da democracia”, uma barreira física para separar os manifestantes, e no corredor circularam viaturas oficiais. Do lado esquerdo da barreira, ficaram aqueles que eram contra o impedimento da presidente, enquanto do lado direito se concentrou o grupo *pró-impeachment*. Segundo a imprensa, a medida foi tomada com o objetivo de “garantir a segurança dos manifestantes” e evitar conflitos (AO VIVO DE BRASÍLIA, 2016, sp), marcando as posições simbólicas das duas frentes partidárias e de pensamento.

No dia 12 de maio de 2016, o Senado aprovou o início do processo de *impeachment*, acarretando o afastamento de Dilma do governo. Michel Temer, o vice-presidente, assumiu então o cargo. O governo Temer durou dois anos, até as novas eleições de 2018. Nas eleições desse ano, a polarização política marcada nos eventos descritos pareceu se reatualizar e se colocar de maneira ainda mais evidente. Apesar de um primeiro turno com a presença de vários presidenciáveis, o país presenciou um segundo turno marcado por dois representantes e partidos que se colocaram como extremos opostos.

Essa oposição formou grupos que se antagonizavam em suas ideologias, apoiando Jair Messias Bolsonaro, candidato do PSL na época, considerado de “extrema direita”, ou Fernando Haddad, candidato do PT, considerado de esquerda ou até “extrema esquerda”. Esses grupos deram vazão para pensamentos divergentes, mas que se posicionavam de forma hostil, colocando-se, muitas vezes, como detentores de uma “verdade única”, ou seja, da verdade.

De maneira geral, a polarização é uma “assimetria deliberada” (FREITAS; BOAVENTURA, 2018), em relação a um quadro de convicções que “podem ser de toda sorte: políticas, religiosas ou plenamente fúteis, desde que dividam os sujeitos que gravitam em torno delas em um sistema de discussão binário, ou seja, dois grupos

opostos bem distintos” (FREITAS; BOAVENTURA, 2018, p. 454), cujo diálogo se torna inviável.

Dessa forma, não seria difícil distinguir e, conseqüentemente, identificar os “lados” de um embate polarizado, uma vez que a “bipartição é inconfundível” e que uma palavra em favor de um dos lados é prontamente antagonizada pelo outro (FREITAS; BOAVENTURA, 2018, p. 454).

A polarização política, de acordo com Chaia e Brugnago (2014, p. 107), ao se pautarem em Esteban e Ray (1994), seria uma “polarização ideológica”, que ocorre quando “diferentes polos se atraem ou repelem em suas ideologias” (ESTEBAN; RAY, 1994, 819).

Dessa polarização emergiram, portanto, discursos que se colocaram como antagônicos. Por discurso entendemos a língua colocada em funcionamento em um contexto específico, uma vez que o discurso é estrutura e acontecimento (PÊCHEUX, 1998). Assim, a estrutura é materializada na e pela língua, condicionando um modo de pensar em um tempo histórico e possibilitando certa regularidade de enunciados, que marcam uma esfera discursiva.

Se entendermos a língua como um acontecimento discursivo, este possibilita a relação entre memória discursiva e aquilo que o acontecimento traz de novo, isto é, o imprevisto dado pelo momento da enunciação. Assim, Pêcheux (1998) toma o discurso na relação da língua com a perspectiva histórica e social.

Ampliando nossas bases teóricas para os estudos foucaultianos do discurso (FOUCAULT, 2008b, p. 132-133), para o autor o discurso seria um conjunto de enunciados que se apoiam em um mesmo domínio discursivo, como por exemplo: o domínio político, o midiático. Desse modo,

[o] discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico - fragmento de história,

unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (FOUCAULT, 2008b, p. 132-133).

Orlandi (2003, p. 226) nos apresenta que os domínios discursivos caracterizam o funcionamento do discurso. A autora destaca que os domínios não podem ser tomados de maneira separada, mas estabelecem uma relação entre si, isto é, imbricam-se e são (re)atualizados em diferentes contextos, sofrendo, também, deslocamentos.

Em nosso contexto de pesquisa, em 2018, o mundo digital ofereceu-se como um espaço muito marcado para a propaganda política e para a difusão desses discursos, possibilitando uma outra articulação entre o discurso político e o midiático. Quando falamos em discurso político, não nos referimos à “fala” dos candidatos políticos – o que optamos por chamar de dizer –, mas sim a esse domínio discursivo proveniente da esfera política, que é marcado por certas regularidades.

Abordamos, também, o discurso midiático digital referente à esfera midiática, uma vez que ela permeia o discurso político no nosso contexto de estudo, pois as redes sociais (particularmente o *Twitter*, nesta pesquisa) foram o principal espaço de manifestação desses discursos polarizados, contribuindo para sua produção e disseminação ampla e rápida.

Percebemos, por este estudo, que houve uma transformação no modo como a esfera política se articulou - e se articula - à esfera cidadã, transitando de espaços fechados, mais controlados, depois, migrando para a transmissão via mídias de massa e, posteriormente, transitando para as mídias sociais. A transposição dos discursos do domínio político para o interior das redes influenciou e foi influenciado por vários elementos que esses espaços proporcionam, como a possibilidade de poder compartilhar postagens, marcar perfis pessoais e fazer comentários, por parte de qualquer usuário.

Nesse sentido, quando colocamos que nossa análise se debruça em discursos polarizados, nos referimos aos discursos que se apoiaram em enunciados que se referem a formações discursivas opostas e que se colocam como dicotômicas em relação às formações ideológicas de uma esquerda e de uma direita no Brasil contemporâneo. Ou seja, esses discursos foram (re)produzidos e (re)atualizados por comunidades discursivas, isto é, grupos formados com bases nesses discursos, que se repelem em suas ideologias.

Mostraremos com base na análise⁸ de postagens selecionadas segundo critérios de regularidade, tais como temática, composição linguística e também na relação de endereçamento a cada grupo, algumas das representações produzidas pelos grupos polarizados, bem como o modo que a relação com o (O)outro se estabelece na propagação desses enunciados.

Ressaltamos que quando utilizamos a expressão (O)outro nos referimos ao “outro” semelhante, grafado com letra minúscula e ao “Outro” da psicanálise, grafado com letra maiúscula. Podemos compreender esse “Outro” como uma abstração, como discursos que se impõem ao sujeito como um modelo, ou seja, tratam-se dos sistemas simbólicos compartilhados pelo sujeito falante. O Outro simbólico é responsável por impor a lei ao sujeito, de forma que o reconhecimento do Outro diz respeito a instaurar a sua própria singularidade, por não se reconhecer mais numa relação de ser o desejo desse Outro (social) e ir em busca de seu próprio.

Assim, abordaremos de que modo esses grupos acabaram por representar o grupo oposto, criando um imaginário em torno dele, inserindo-se nesse conjunto de imagens como um antípoda e sustentando um contexto maniqueísta de polarização e exclusão.

⁸ Trabalhando com a materialidade da língua e imagética dos recortes, destacamos que tomamos o verbal e o não verbal como constitutivo do discurso; dessa forma, uma imagem também é tomada por nós como enunciado.

2 Pressupostos teóricos

2.1 A “verdade” no contexto de polarização

Podemos destacar que a polarização acaba por reforçar uma relação entre os grupos que opera para a defesa de uma “verdade”. A dicotomia também se sustenta de forma que, ao pertencer a um grupo, o sujeito assume aquelas representações, as “incorpora” no plano do inconsciente e não as questiona. Por outro lado, passa a duvidar e a colocar em xeque tudo aquilo que vem do “outro lado”, transferindo o discurso do “outro” para uma posição de não-verdade e de posição externa à sua subjetividade.

Almeida (2012, p. 183) salienta que Foucault (2006, p. 235) não faz referência “à verdade”, mas sim a formas de veridicção, “jogos de verdade”. Essas relações não se fundamentam em regras de “validade” ou “invalidade”, como em uma espécie de “jogo” em que há um vencedor ou um perdedor, mas em um “jogo” que permite o surgimento de discursos que passam a ser considerados verdadeiros ou falsos, em que se constrói um conjunto de regras de produção da “verdade” a respeito de algo. O filósofo propõe a inexistência de uma verdade e a relação entre vontades de “verdade”, que acabam por constituir “regimes de verdade”, regidos pelas relações de poder hegemônicas.

Nas palavras de Foucault (2006, p. 233), a verdade seria “o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros.” A verdade não está pautada na relação entre o sujeito que conhece o objeto e o objeto a ser conhecido por esse sujeito, mas é produzida de acordo com regras que são resultados das relações entre os modos de subjetivação e objetivação.

Assim, a verdade está articulada com a posição que um sujeito ocupa no discurso, ou seja, o sujeito precisa ocupar determinada posição para que seu

conhecimento seja legitimado - assumido como verdade - assim como um objeto precisar ocupar uma posição para ser conhecido (ALMEIDA, 2012, p. 183).

Foucault (2002) também apresenta o conceito de “vontade de verdade”, que se difere do conceito de discurso de verdade, uma vez que é “reconduzida por um conjunto de práticas; reconduzida pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e atribuído” (FOUCAULT, 2002, p.17).

A “vontade de verdade” opera por um “consenso da verdade” e está circunscrita ao discurso de um sujeito que ocupa uma posição de poder no interior de um espaço discursivo, discurso esse que é colocado em uma posição de “verdade absoluta” e que se deseja – ou se é impelido a isso - acreditar, sem o questionamento de que enunciados ou discursos outros o sustentem enquanto verdade.

Além disso, a “vontade de verdade” está inserida no sistema que “prevê o exercício do discurso para quem de direito, em ritual requerido e previamente definido” (FOUCAULT, 2002, p.17). A “vontade de verdade”, atrelada às relações de poder que atravessam o discurso, pode levar à defesa de uma “verdade única”. Ao excluir e apresentar uma relação dicotômica com o (O)outro e aquilo que acredita ser verdadeiro, o sujeito passa a enxergar apenas o “seu lado” como correto, isto é, como verdade.

2.2 A deslegitimação do (O)outro e a violência no discurso

A interação com o (O)outro pode, por vezes, ceder lugar a uma violência “verbal” que, de acordo com Maingueneau (2008, p. 113 *apud* AMOSSY, p. 169), se trata de “uma noção intuitiva que é muito difícil de traduzir em termos linguísticos” e que está relacionada à “polêmica”. Há alguns elementos, porém, que nos permitem

identificar a violência colocada em prática no ato da enunciação, como por exemplo quando um sujeito impede que o outro exponha seu ponto de vista livremente.

Essa estratégia discursiva pode ocorrer oralmente, quando o enunciador não respeita os turnos de fala e não deixa o outro se expressar. A assertividade é um outro mecanismo de “opressão” desse outro, que se manifesta como uma demonstração de força, chamando a atenção de um outro para uma “verdade” que defende.

Amossy (2017, p. 170) também comenta que a violência verbal pode ser colocada em prática quando o dizer do outro é ridicularizado, desconsiderado e se torna objeto de ataque. Essa desvalorização acontece quando “a fala do outro é retomada e reformulada de maneira a privá-la de sua própria coerência, ou descontextualizada e deslocada de seu sentido original” (AMOSSY, 2017, p. 170), recebendo um tratamento de ironia ou paródia, de modo a invalidar e ridicularizar esse dizer.

Nesse caso, coloca-se em funcionamento o argumento *ad hominem*, ou seja, o sujeito ataca o outro de forma pessoal, em vez de combater o argumento ou a tese em si. A violência, então, está expressa no ato de impedir um outro de expor seu posicionamento, desacreditando-o, atacando-o de forma direta ou desabonando-o, de modo agressivo.

Amossy (2017, p. 71) ainda aborda a questão da polêmica, uma vez que o discurso polêmico acaba por desencadear uma polarização, uma relação maniqueísta que encara o outro como um “mal absoluto”, demonizando esse outro e fazendo com que “o objeto de execração seja expulso do círculo de participantes legítimos” (AMOSSY, 2017, p. 71).

A violência também é colocada em prática em outras instâncias linguísticas, tais como lexicais, sintáticas e prosódicas, de modo que o enunciador expressa sentimentos violentos, emocionados e com grande carga afetiva. Esses sentimentos podem ser transmitidos, por exemplo, por meio de exclamações, repetições e o uso do tom fático

no enunciado. Os insultos compõem uma estratégia de desqualificar o outro, manifestando-se como um desacordo ao dizer/comportamento do outro. O insulto seria, assim, um ato “agressivo” que faz com que o sujeito se sinta no direito e na superioridade de colocar o outro em uma posição inferior, de desqualificação.

Consideramos que o fato de um enunciador se colocar como o “dono da verdade”, numa posição de superioridade ou de franqueza e coragem ao falar podem levar o sujeito a deslegitimar o outro e proferir uma violência simbólica contra ele.

A respeito da legitimação e da sustentação de uma “verdade”, Foucault (1983) nos apresenta um conceito derivado de um princípio da filosofia grega, que articula o discurso político e os “jogos de verdade”. O “falar franco”, conhecido como *parrhésia*, se relaciona com a coragem no dizer, de forma que, ao apresentar coragem para “falar a verdade” podendo ser ela a mais difícil e desagradável para qualquer um, o sujeito seria assim dotado de franqueza.

Assim, a *parrhésia*

é um termo grego que significa o fato de ‘tudo dizer’. ‘Tudo dizer’ pode significar, sem dúvida, dizer qualquer coisa, sem triagem, sem contenção nem entraves, mas também e talvez principalmente, ousar dizer o que nossa tibieza ou nossa vergonha nos impedem de imediatamente expor – ou então, mais simplesmente: exprimir-se com sinceridade e franqueza. Falar sem pudor e sem medo (GROS *apud* FOUCAULT, 2006, p. 11-12).

Além da relação com a franqueza, a *parrhésia* pode sofrer uma deturpação em seu sentido, associando-se ao cinismo. Em sua relação direta com o cinismo, a *parrhésia* pode apresentar uma relação ambígua, adquirindo ora um valor positivo, ora, um valor negativo. Em seu sentido positivo, o cinismo é o ato de levar uma vida não dissimulada, independente, direta, franca, sincera, justa e, portanto, “verdadeira”. O cínico seria o sujeito que se despoja, renuncia de si para cuidar e, também, criticar a humanidade (WELLAUSEN, 1996, p. 122).

Nesse sentido, o cinismo é associado com a “nudez”, uma vez que o sujeito se despe para mostrar a verdade, “nua e crua”. Em seu sentido negativo, porém, o cinismo ganha valor de individualismo, exasperação da vida natural e animal, afirmação de si, da vida como um constante escândalo (WELLAUSEN, 1996, p. 118). A interpretação negativa “vê os cínicos como ignorantes, insolentes, perturbadores e imprudentes, cuja violência se opõe à lei divina” (WELLAUSEN, 1996, p. 118), enquanto a positiva vê um cinismo “mais comedido, educado, refletido, discreto, honesto e austero” (WELLAUSEN, 1996, p. 118).

2.3 Discussões inflamadas no ciberespaço

Parece-nos que esses recursos discursivos são usados com uma frequência e contundência ainda maior no ciberespaço, justamente por se tratar de um “local” no qual a interação “face a face” é substituída pela interação mediada por dispositivos eletrônicos.

Sabemos que nas redes sociais e nos fóruns de discussão os perfis dos usuários podem ser utilizados como pseudônimos, ou até mesmo perfis *fakes*, os quais servem como um disfarce para manifestação de violência verbal exacerbada, sem nenhuma consequência. Por se tratar de “um jogo de máscaras”, há uma aparente desresponsabilização do sujeito, na esfera social e na esfera ética, uma vez que o sujeito que agride não se responsabiliza por seus ataques, por prejuízos à sua reputação, nem pela ruptura de amizades e laços pessoais (AMOSSY, 2017, p. 173).

Notamos, no entanto, que há situações na rede em que os sujeitos não utilizam pseudônimos, nem “avatars”, mas seus perfis “reais”, o que não parece impedir a emergência do “ódio” e da violência nas redes, de forma que os usuários geralmente se sentem à vontade para dizer coisas que não diriam em uma interação fora do ciberespaço. Amossy (2017, p. 174) ainda ressalta que o ciberespaço dá abertura para uma “carnavalização da fala política” e para “discussões inflamadas violentas”.

A discussão inflamada e violenta pode ser definida como “um componente verbal desregrado libertado de qualquer inibição que tende a emergir nas interações face a face eletrônicas e que compreende injúrias, insultos e uma linguagem ultrajante” (AMOSSY, 2017, p. 174). Não podemos entender, porém, esse tipo de violência como restrito ao ciberespaço, pois as discussões inflamadas se dão no contexto político, cultural, religioso, dentro e fora das redes sociais.

Apesar de parecerem representar uma “transgressão para a civilidade” e uma violação das “éticas” da interação, essas discussões fazem parte de uma rotina interacional, marcada por um comportamento livre de inibições (AMOSSY, 2017, p. 175). Assim, os participantes do jogo de interação aceitam/toleram a discussão inflamada como parte integrante do funcionamento da conversação digital, ou seja, de discussões atreladas aos conflitos psicossociais expressos no ciberespaço. As discussões inflamadas mesmo em sua brutalidade “participam, assim, de um ritual que modela as relações agonísticas no fundamento da polêmica” (AMOSSY, 2017, p. 175).

2.4 O (O)outro que se torna “estranho”

Diante da violência no discurso percebemos uma certa hostilização do (O)outro, o que também corrobora com a visão de Freud de um (O)outro sendo colocado como um “estranho”, um “abominável”.

Freud (1996), ao falar sobre o “estranho”, estabelece uma relação entre duas palavras que parecem ser completamente opostas no alemão: *heimlich* (familiar) e *unheimlich* (infamiliar), trazendo à tona uma possível relação entre os termos.

O autor afirma que, em um determinado momento, aquilo que não parece familiar pode ser representado como “estranho”, ou “assustador”, já que se refere a algo que não é (re)conhecido como tal, mas que pode também constituir o sujeito na instância do inconsciente.

Ao delinear algumas definições e traduções dos termos *heimlich* e *unheimlich*, percebemos que – e trata-se de um dos aspectos que mais chamam a atenção de Freud (1996) –, entre seus diferentes significados, a palavra *heimlich* acaba por exibir um que é semelhante a seu oposto *unheimlich*, pois “o que é *heimlich* vem a ser *unheimlich*” (FREUD, 1996, p. 241) em uma de suas significações. Assim, *heimlich* (familiar) pode se referir também ao que está oculto, por isso, é de desconhecimento dos outros.

Freud (1996, p. 241) destaca, assim, que a palavra *heimlich* apresenta uma noção ambígua, pertencente a dois conjuntos de ideias que, “sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista” (FREUD, 1996, p. 241).

É interessante destacarmos que linguisticamente e discursivamente (na perspectiva da desconstrução) a palavra familiar está contida na palavra “(in)familiar” (DERRIDA, 2000), de modo que um conceito se constitui com base no “outro”, ou seja, as ideias podem ser até “opostas”, mas não se excluem ou se ignoram, de modo que o “infamiliar”⁹ se constrói a partir do “familiar” e vice-versa.

Outro significado interessante que Freud empresta de Schelling¹⁰ é que “*unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz” (FREUD, 1996, p. 241) por alguma razão desconhecida.

⁹ Optamos por utilizar a edição antiga do texto de Freud (1996) para embasarmos nossas referências. Apesar disso, trazemos à tona o termo “infamiliar” que vem da edição nova, pois acreditamos que o termo se aplica muito à perspectiva que pretendemos delinear aqui. Na nova edição, usou-se “infamiliar” como um neologismo para o termo *unheimlich*. FREUD, S. *O infamiliar e outros escritos*. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

¹⁰ Friedrich Wilhelm Joseph Schelling foi um filósofo alemão e um dos principais representantes do idealismo alemão. A carreira de Schelling foi marcada pela constante busca de um sistema que

A representação do (O)outro, assim como apontou Freud (1996) em suas revisitações à literatura (e em outras instâncias), pode remeter a um estranhamento que, em alguns momentos, leva ao “assustador”, àquilo que provoca medo, no sentido de colocar o “outro” como um ser abjeto, um “monstro”, já que aquilo que desconhecemos tentamos expulsar de nossa subjetividade.

Dessa forma, esse (O)outro é colocado como um de fora, ou seja, como parte não constituinte do “eu” e assim há uma certa legitimação para que ele seja “exterminado”, “excluído” e se torne um “estranho”. Há ainda a possibilidade de representarmos esse outro abjeto não como um sujeito, mas como um objeto, a partir do momento em que ele é desconfigurado de sua existência subjetiva e tomado como um mero objeto nas relações.

3 Metodologia

Para além do uso da Análise do Discurso como parte teórica deste trabalho, a AD foi também utilizada como dispositivo analítico dos recortes discursivos selecionados, o que vem a reforçar o caráter interdisciplinar deste estudo.

Assim, a compreensão do nosso “objeto” – que se trata de uma construção do pesquisador junto a suas inquietações – amparou-se não só num estudo de cunho qualitativo-interpretativo, mas também de caráter interdisciplinar. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa se insere como um campo de investigação que atravessa disciplinas, campos e temas e consiste em uma atividade que localiza o observador no mundo, na relação com seu “objeto” de pesquisa,

permitiria conciliar a natureza e o espírito humano com o Absoluto, explorando as fronteiras entre arte, filosofia e ciência. No texto, Freud menciona o filósofo, mais de uma vez, para trazer a definição do autor sobre palavra *unheimlich*.

promovendo um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade e percebem o mundo por meio de uma série de representações. Portanto, os autores consideram a pesquisa qualitativa também como interdisciplinar.

A interdisciplinaridade pode ser definida como “uma estratégia de flexibilização e integração das disciplinas, nos domínios do ensino e da produção de conhecimentos novos, da pesquisa” (TEIXEIRA, 2007, p.59). Ela consistiria, então, em um tema, objeto ou abordagem “em que duas ou mais disciplinas intencionalmente estabelecem nexos e vínculos entre si, para alcançar um conhecimento mais abrangente, ao mesmo tempo diversificado e unificado” (TEIXEIRA, 2007, p. 69).

Escolhemos realizar um estudo interdisciplinar, uma vez que acreditamos que um olhar interdisciplinar sobre o “objeto” nos permite analisá-lo por diferentes perspectivas do conhecimento, que se integram na investigação do objeto de natureza sociodiscursiva. Assim, um objeto discursivo como o nosso, pela sua amplitude e na tentativa de relacioná-lo à compreensão da relação com o (O)utro em um período peculiar de nosso país, não pode ser olhado apenas por um viés teórico.

Dessa forma, nosso trabalho se insere na perspectiva interdisciplinar primeiramente pela escolha temática e depois por buscar apoio na Análise de Discurso de linha francesa, na filosofia, na sociologia e na psicanálise, tomando como princípio que as linhas teóricas construídas pelas ciências e que parecem separar essas disciplinas, se encontram “borradas” e constantemente invadidas, umas pelas outras, indicando que o conhecimento não se constrói compartimentadamente.

A interdisciplinaridade significa dar outro sentido para o próprio ato de pesquisar e (des)construir o sujeito como pesquisador em seu processo de busca, ou seja, a interdisciplinaridade está circunscrita ao “saber ser interdisciplinar”, incluindo a experiência do pesquisador em seu sentido, intencionalidade e funcionalidade (LENOIR; FAZENDA, 2001 *apud* FAZENDA, 2008, p. 19).

3.1 Etnografia Digital

Como nosso *corpus* se encontra no interior do ciberespaço e, mais especificamente, nas redes sociais, utilizamos a perspectiva metodológica da etnografia digital no modo como concebemos esse objeto. A etnografia é uma pesquisa de base antropológica, que se pauta na questão da observação, levantamento e suposições acerca de uma comunidade (OLIVEIRA, 2014, p. 196) e vem adquirindo significados outros de maneira a ser definida por diversos pesquisadores e estudiosos das “ciências humanas”.

Para Spradley (1980 *apud* REES; MELLO, 2011, p. 34), o etnógrafo precisa procurar as comunidades que oferecem melhores oportunidades para participação, de forma que “o etnógrafo não faz meras observações, mas participa diretamente das observações para ‘sentir’ como os acontecimentos ocorrem” (REES; MELLO, 2011, p. 34) e para eles voltar seu olhar analítico, consciente de que é parte deles e está imerso nas formações socioculturais que ali se constituem.

Vale ressaltar, também, que o etnógrafo não coleta “dados”, mas, sim, é responsável por gerá-los, de forma que, na visão de Rees e Mello (2011), os dados não estão à espera do pesquisador, prontos para serem coletados, mas são gerados pelo etnógrafo no percurso de seu trabalho, por meio das fontes e instrumentos escolhidos por ele.

Assim, Oliveira (2014) aborda o etnógrafo como um produtor/criador de um relato “inserindo assim o seu olhar em cada leitura, de modo que tudo parece passar pelo seu olhar, e para ele a multiplicidade do olhar, a subjetividade do pesquisador, o contexto e a descrição estão sempre presentes” (OLIVEIRA, 2014, p. 196). Nesse sentido, a influência do pesquisador e sua atuação nesses espaços não é neutra, na medida em que há a implicação de sua própria subjetividade, de suas percepções e atitudes, na análise de uma determinada comunidade.

A etnografia digital, por sua vez, se constrói com base na interlocução entre as ferramentas da antropologia e a busca de ferramentas que possam dar conta daquilo que é trazido e representado pelos espaços digitais, assim como as relações e ações sociotécnicas articuladas em torno do digital. É importante ressaltar que, na etnografia digital, as redes sociais são tomadas como constituintes de um ciberespaço social, no qual há a produção de “novos” espaços sociais e de experiências subjetivas que parecem derivar desses espaços (SOUZA RAMOS; FREITAS, 2017, p. 10).

Oliveira (2014, p. 197) aponta a etnografia digital como uma metodologia que considera um “método interpretativo e investigativo que explora o comportamento cultural das/nas comunidades on-line”. Optamos pelo método etnográfico, uma vez que não estamos alheias às redes sociais, mas estamos inseridas no espaço discursivo do *Twitter*, tendo acesso às comunidades polarizadas, aos discursos propagados por elas e por elas sendo constituídas num processo de mediatização.

Compreendemos que o *Twitter* seria, assim, uma grande comunidade virtual, a partir da qual derivam e se formam várias comunidades, originárias das formações discursivas e dos discursos que ali se propagam. Murthy (2008), citado por Oliveira (2014, p. 201), destaca que as redes sociais

são um grande potencial de pesquisa para os etnógrafos, já que nas redes sociais é possível encontrar variados grupos ou comunidades, há um vasto estoque de material multimídia e os etnógrafos podem observar invisíveis interações sociais entre os membros das páginas e ainda criarem páginas objetivando gerenciar uma pesquisa on-line ou até mesmo para divulgar informações úteis ao público.

Optamos por empregar a metodologia denominada “etnografia digital”, pois, além de utilizarmos as redes digitais no processo de nossa pesquisa, não anulamos a presença da etnografia nesse processo. A própria inserção nas comunidades do *Twitter*, bem como o processo de coleta e interpretação do *corpus*, deriva de um processo etnográfico que se fundamentou em uma extensa análise a respeito de campanhas

políticas, com o intuito de compreender, principalmente, a intersecção dos discursos político e midiático nesse processo, além do posicionamento dos sujeitos, no que diz respeito às representações delineadas em torno de determinados candidatos.

3.2 Coleta e seleção do *corpus*

Nosso *corpus* é baseado em recortes retirados de postagens circuladas no *Twitter* no período do segundo turno das eleições presidenciais de 2018. Optamos por definir o gênero textual-digital que analisamos como “postagem de rede social” (BERNARDO, 2014, p. 5). A postagem trata-se de um gênero amplo que abarca uma hibridização de outros gêneros, envolvendo, além do texto verbal da postagem e dos comentários, imagens, vídeos, *memes*, bem como outros recursos tecnológicos, caracterizando-se como um gênero multimodal. As redes sociais são marcadas por uma “metamorfose textual”, por “um processo comunicativo alimentado pela multimodalidade, hibridização digital e transmutação dos gêneros” (BERNARDO, 2014, p. 5).

A nossa coleta baseou-se em dois momentos. O primeiro momento foi marcado por uma pesquisa no *Facebook*, nos principais grupos formados durante o período eleitoral, com o intuito de perceber quais foram as “principais” representações (re)produzidas em torno dos candidatos e, conseqüentemente, de seus “possíveis” eleitores. A busca incluiu os grupos “mulheres contra Bolsonaro”; “mulheres com Bolsonaro”, as próprias páginas dos partidos PT e PSL, os perfis dos candidatos Fernando Haddad e Jair Bolsonaro e outras páginas que passaram a ser sugeridas conforme adentrávamos nessa rede social.

Antes de restringirmos o nosso *corpus* ao *Twitter*, havíamos determinado que analisaríamos não só postagens do *Twitter*, mas, também do *Facebook*. Para a coleta do material no espaço discursivo do *Facebook*, optamos por utilizar a ferramenta *Netvizz*,

que permite com que o usuário busque informações de perfis e grupos específicos, de acordo com o período selecionado.

Após um tempo, a ferramenta escolhida foi desabilitada, de forma que não foi mais possível ter acesso a ela, nem a ferramentas semelhantes. Além disso, os algoritmos que “regulam” o *Facebook* nos parecem mais limitadores do que os do *Twitter*. No *Twitter* não é necessário que o usuário siga as contas para que tenha acesso ao material e a ferramenta de busca não se restringe aos amigos e seguidores do usuário, como no *Facebook*, por exemplo, proporcionando ao pesquisador-usuário uma maior disponibilidade de postagens e mais amplo espectro de posições subjetivas no discurso.

Desse modo, no segundo momento, focamos nossa busca no *Twitter* e selecionamos o período de 7 a 27 de Outubro de 2018, que se caracterizou como o intervalo entre um dia depois da votação do primeiro turno das eleições e um dia antes da votação do segundo turno. A delimitação do período foi feita justamente em função do nosso objetivo de analisar as representações e os enunciados que derivavam dos grupos apoiadores de Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, candidatos à presidência que foram conduzidos pelo voto ao segundo turno.

A coleta do *corpus* foi feita por meio de uma ferramenta própria do *Twitter* denominada “Busca Avançada”, localizada abaixo de “Filtros de busca”, no canto superior direito da página de resultados do aplicativo. A ferramenta apresenta vários campos que facilitam o “refinamento” da busca do usuário, como a escolha da data (período), dos perfis que se quer pesquisar, de páginas, *hashtags* e até palavras-chave.

Pelo fato de o acesso ser mais amplo, o número de postagens nos parecia imenso, então começamos a selecionar as postagens que tinham um maior número de curtidas e depois nos atentamos para as *hashtags* que se repetiam, na medida em que a repetição também é responsável pela disseminação e estabilização de certos efeitos de sentido.

Após colocarmos o período (7 a 27 de outubro de 2018) na ferramenta de busca avançada e optarmos por postagens de língua portuguesa, visto que o *corpus* foi gerado mais especificamente no contexto brasileiro, utilizamos as *hashtags* para nos ajudarem a filtrar as postagens que diziam respeito aos discursos polarizados.

Iniciamos com *hashtags* mais “gerais” como #Eleicoes2018; #Bolsonaro; #Haddad, que foram resultado da nossa busca no *Facebook*. Depois passamos para *hashtags* mais específicas, que surgiram e foram percebidas nas outras postagens, como #EleSim; #EleNao; #EleNunca. É importante ressaltar que as próprias *hashtags*, com suas oposições linguísticas, se apresentaram como “antagônicas” e, portanto, como fruto desses discursos dicotômicos e polarizados, além de se configurarem como regularidades discursivas.

Percebemos que algumas *hashtags* eram bastante recorrentes nas postagens, como as apontadas no parágrafo anterior, bem como as próprias contas dos candidatos @Haddad_Fernando e @jairbolsonaro, que foram diversas vezes mencionadas nos comentários e nas próprias postagens. Páginas também foram citadas, algumas delas relacionadas a sites de notícias e outras vinculadas aos próprios partidos que apoiavam determinado candidato.

Apresentamos, então, um *corpus* qualitativo e não quantitativo, de maneira que, por mais que a coleta tenha sido realizada por ferramentas, a nossa seleção parte de uma percepção subjetiva e de um olhar de pesquisadora que também é parte “das comunidades” das redes sociais.

A partir dessas postagens, estabelecemos eixos temáticos de análise com base nas regularidades discursivas, ou seja, naquilo que se repetia discursivamente, produzindo determinados efeitos de sentido, a partir da materialidade linguística e do contexto histórico e social em que os enunciados foram gerados.

O primeiro eixo temático estabelecido foi “Bolsominions x Comunistas”, por ser a nomenclatura utilizada pelos próprios grupos antagonistas ao se referirem ao grupo

oposto e aborda a forma como esses grupos polarizados enxergaram o (O)outro e quais representações foram delineadas em torno deles.

O segundo eixo, “O Salvador da Pátria x O Destruidor da Pátria” traz de que forma os dois candidatos, Bolsonaro (PSL) e Haddad (PT), transitaram tanto na posição de “salvador da pátria”, isto é, o único candidato capaz de “salvar” o Brasil, tirá-lo das mãos de “monstros” e reconstruir o país de forma digna e única, quanto na de “destruidor da pátria”, ou seja, caso eleito, seria uma ameaça para a “Nação”.

O último eixo chamado de *Minorias x Elite*, toma a representação dos candidatos em suas relações com as “minorias”, isto é, de que modo os polos ideológicos “enxergaram” e conceberam as atitudes dos candidatos com as comunidades negras, pobres, femininas e LGBTQI+, por exemplo, e quais são os efeitos e produções de sentido que delas derivam. Também analisamos a maneira com que os candidatos se posicionaram diante do povo e quais grupos sociais e interesses eles pareceram representar.

Neste artigo, como nosso objetivo se coloca em investigar a representações delineadas pelos grupos dicotomizados e suas relações com o (O)outro, mostraremos os resultados do nosso primeiro eixo de análise.

4 Resultados da análise¹¹

As análises a seguir nos mostram algumas representações delineadas pelos enunciadores ao nomear o próprio grupo e o grupo contrário, o que acabou por desencadear certas generalizações e a (re)produção de estereótipos. Os recortes escolhidos evidenciam duas representações que foram reforçadas no contexto das

¹¹ Os outros eixos trabalhados na pesquisa de mestrado, de acordo com as regularidades discursivas percebidas pelas pesquisadoras nas postagens foram: “O Salvador da Pátria x O Destruidor da Pátria” “Minorias x Elite”. Neste artigo trazemos os resultados do nosso primeiro eixo de análise: “Bolsominions x Comunistas”.

eleições presidenciais de 2018 no Brasil, que marcam a oposição entre “Bolsominions” x “Comunistas”.

O termo “Comunista” nos parece evocar a memória discursiva de grupos que são ou foram marcados ideologicamente por um pensamento socialista e é comumente utilizado, ainda que de modo generalizado, para se referir aos grupos que se identificam com os ideais da esquerda. O termo foi utilizado para se referir às comunidades discursivas de esquerda e, mais especificamente nesse contexto, àqueles que apoiavam o candidato do PT, evocando determinadas representações do imaginário de esquerda aos eleitores de Fernando Haddad.

Além disso, percebemos que o termo “Comunista” adquiriu um sentido pejorativo e foi colocado, muitas vezes, como um “grande mal”, trazendo à tona estereótipos da memória discursiva, como a do “comunista que come criancinhas”, por exemplo. O termo, também, apareceu associado nas imagens, à cor vermelha da bandeira petista, que remete à cor do partido comunista.

Em relação à direita, representada pelo candidato Bolsonaro, desenvolvemos uma análise em torno da designação “Bolsominion”, associada aos simpatizantes do candidato, baseando-nos na materialidade da língua e também nos efeitos de sentido que a palavra pôde evocar na representação conferida a seus apoiadores, por parte do grupo “oposto”. A palavra Bolsominion é formada pelo prefixo Bolso, a primeira parte do sobrenome de Bolsonaro - e também um apelido conferido a ele - e o termo em inglês *minion*.

De acordo com o Cambridge Dictionary (2020), *minion* seria um termo utilizado para se referir “a uma pessoa que não é importante e que deve fazer o que outra pessoa de um maior nível a ordena fazer” (*tradução nossa*)¹². Além disso, a palavra pode significar “capanga”; “criado”; “servo”; “lacaio”. Nesse sentido, os “bolsominions”

¹² “A person who is not important and who has to do what another person of higher rank orders them to do” (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2020, sp).

seriam os “servos” de Jair Bolsonaro, aqueles que trabalham para ele se eleger e concordam com todas as suas ideias e opiniões.

O termo também reforça o sentido de que os apoiadores de Bolsonaro apenas acatariam ordens, não tomando decisão por vontade própria. Além disso, a expressão parece colocar os “bolsominions” em uma posição de inferioridade, de não importância.

Na palavra composta “bolsominion”, o segundo termo (“minion”) traz ainda a memória discursiva à tona, estabelecendo interdiscursividade com o filme *Meu Malvado Favorito (Despicable Me)*¹³, no qual há um grupo grande de seres amarelos – os “minions” – que servem e apoiam tudo o que o personagem principal Gru, seu chefe, faz ou manda fazer. Gru, trata-se e define-se como um “super vilão”, mas também luta e impede outros vilões de atingirem seus objetivos, com a ajuda de seu exército de “minions”.

Com base nessa representação, os apoiadores de Bolsonaro seriam aqueles que enxergam o “mal” nos outros, mas nunca em si mesmos. Eles sabem que talvez seu representante não faça tudo “certinho”, mas eles “amam” aquele “malvado”, pois ele tem o aval de seus seguidores para fazer “malvadezas” – o que os outros não têm.

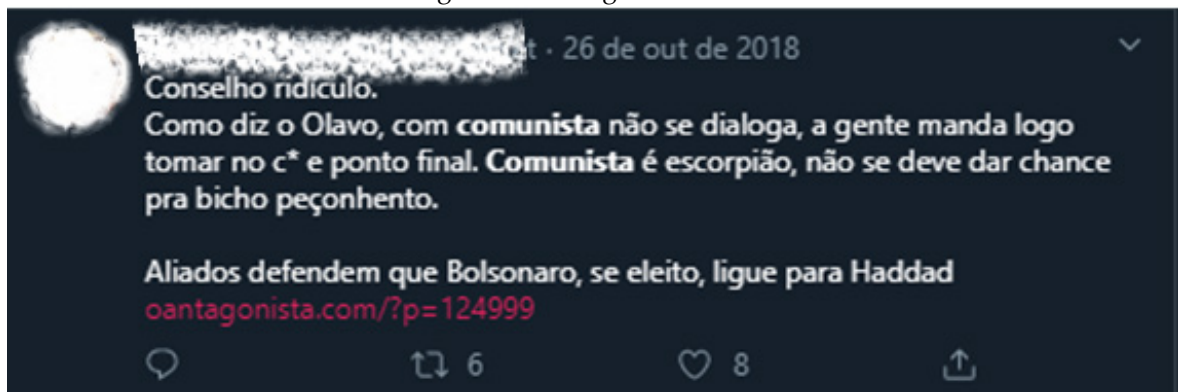
Há também os aspectos físicos dos “minions”. Eles são todos amarelos, usam um macacão azul e são seres idiotizados, que pouco se comunicam, apenas emitindo ruídos estranhos. Eles dão risada o tempo todo, mostram a língua, adoram zombar dos outros e “pregar peças” nos amigos, mas também se irritam e ficam “agressivos” por motivos pequenos. Há aqui uma outra representação dos “Bolsominions” como “criaturas” que, apesar de “bobinhas” e aparentemente “inofensivas”, podem assumir um lado “agressivo”.

¹³ *Despicable Me* (“Meu Malvado Favorito”) é um filme norte-americano de animação (2010) da Universal Studios e da Illumination Entertainment. A realização ficou a cargo de Pierre Coffin e Chris Renaud (WIKIPEDIA, 2020, sp).

A cor amarela pode fazer referência a uma das cores da bandeira brasileira que foi reapropriada na campanha de Jair Bolsonaro. Retomando a memória discursiva do dia da eleição, percebeu-se que muitos eleitores utilizaram camisetas com as cores da bandeira nesse dia, como um apoio ao candidato do PSL à época.

4.1 Os “comunistas”

Figura 1 – Postagem de *Twitter*



Fonte: *Tweet*. 26 de Outubro de 2018, 13:48. Acesso em: 17 de Março de 2020.

Quadro 1 – Transcrição da postagem do usuário A¹⁴

Conselho ridículo.
 Como diz o Olavo, com **comunista** não se dialoga, a gente manda logo tomar no c* e ponto final. **Comunista** é escorpião, não se deve dar chance pra bicho peçonhento.
 Aliados defendem que Bolsonaro, se eleito, ligue para Haddad.
<https://www.oantagonista.com/brasil/aliados-defendem-que-bolsonaro-se-eleito-ligue-para-haddad/>

Fonte: transcrição elaborada pelas autoras com base no *Tweet*.

O recorte acima foi retirado de uma conta pessoal e postado no *Twitter* dois dias antes da votação do segundo turno, durante o período eleitoral presidencial de 2018. O usuário inicia sua postagem com o seguinte enunciado: “Conselho ridículo”, que só

¹⁴ Nos quadros fizemos as transcrições das postagens e/ou comentários para facilitar a leitura do recorte selecionado da postagem. Optamos também por ocultar as fotos e o nome dos usuários, no caso de uma conta pessoal, por uma questão de “privacidade”, ainda que sejam postagens públicas. Optamos ainda por substituir os nomes por letras alfabéticas, em ordem crescente, para indicar ao leitor os diferentes enunciadores.

nos permite a compreensão de seu efeito de sentido após analisarmos a postagem até o final. Os termos “conselho ridículo” fazem referência ao *link* que o usuário traz ao final de sua postagem.

O *link*, que é acompanhado pela seguinte legenda: “aliados defendem que Bolsonaro, se eleito, ligue para Haddad”, apresenta uma espécie de “manchete” de jornal. Percebemos então, uma hibridação de gêneros – manchete e *link* – para compor a postagem (BERNARDO, 2014).

O termo “aliados” pode trazer o efeito de sentido de que um grupo de pessoas, atado por laços identitários (MEDINA, 2003), inscrito em formações discursivas que compartilham, aconselha que Jair Bolsonaro ligue para seu “oponente” Haddad, caso seja eleito. Assim, o termo “aliados” parece se referir ao grupo que apoia o candidato Bolsonaro e, conseqüentemente, tem o desejo de sua eleição.

Parece-nos, então, que o “conselho ridículo” se refere à opinião que aquele usuário em particular tem sobre essa ideia dos “aliados”, já que esse conselho não teria sentido algum em sua visão, ou seria completamente “absurdo”. O adjetivo que acompanha e, por consequência, caracteriza o termo “conselho”, evoca um campo semântico (COURTINE, 2009)¹⁵ que parece nos levar a dois principais efeitos de sentido.

“Ridículo” pode significar aquilo que provoca riso, zombaria, produzindo certo sentido de que o autor da postagem concebe a proposta dos “aliados” com ironia e certo deboche. Além disso, ridículo pode ter o sentido de algo “insignificante”, também conferindo o sentido de que, na visão do autor da postagem, o ato de ligar para Haddad seria insignificante e não valeria a pena.

O uso da expressão “ridículo” parece desvalorizar a ideia proposta pelos aliados de “ligar para Haddad”, inferiorizando a proposta e a ridicularizando, de certa

¹⁵ Campo semântico: adjetivos usados no processo de designação de substantivos. Utiliza-se para caracterizar e nomear coisas e pessoas (COURTINE, 2009).

forma. O próprio tom assertivo da postagem e a presença de um “falar franco” (FOUCAULT, 1983) que permite o usuário falar o que pensa, conferem uma violência para o enunciado (AMOSSY, 2017). A franqueza expressa no enunciado é proporcionada pela valorização que o usuário A apresenta para sua opinião, defendendo a “sua verdade”.

Após trazer sua opinião a respeito do conselho dos “aliados”, o enunciador A apresenta a expressão “Como diz o Olavo”, que parece fazer referência a Olavo de Carvalho, considerado o “guru” do candidato Jair Bolsonaro. Ao trazer no enunciado o dizer de Olavo de Carvalho, o usuário A parece compartilhar formações discursivas com o escritor e justifica o fato de qualificar o conselho dos “aliados” como algo “ridículo”.

A expressão “Como diz o Olavo” pode referir-se ao fato de que, ao se apropriar e (re)produzir um dizer do outro, o usuário parece parafrasear um discurso que acredita ser “verdade” e, assim, o toma como argumento de autoridade, isto é, um recurso que busca legitimar em seu discurso um determinado ponto de vista.

O verbo “dizer” no presente do indicativo denota, na língua portuguesa, uma ação de fala cuja ocorrência coincide com o momento em que se enuncia, implicando um ato assertivo, de certeza. Esse recurso pode, também, reforçar que o discurso de Olavo se caracterizaria como um “fato” e, portanto, uma “verdade absoluta”.

Ao trazer o nome de Olavo de Carvalho, o usuário A (re)atualiza e (re)significa seu discurso no que tange aos ideais mais “conservadores” e que se sustentam no polo da direita, demonstrando seu apoio às ideias de Jair Bolsonaro e da direita que representa. O sujeito enunciador (re)constrói uma representação de Olavo de Carvalho como um filósofo que “fala a verdade” e, acima de tudo, apresenta um “falar franco”, direto.

Essa característica permite que esse usuário, ao se apropriar desse discurso, também lance mão dessa franqueza como recurso expressivo, o qual, perante o olhar

do outro que não compartilha essas representações, pode se caracterizar como um discurso “agressivo” (AMOSSY, 2017).

A continuação do enunciado: “com **comunista** não se dialoga, a gente manda logo tomar no c* e ponto final. **Comunista** é escorpião, não se deve dar chance pra bicho peçonhento”, parece sustentar o imaginário para esse enunciador do que seria um “comunista”. O uso do substantivo (comunista) no singular sugere uma generalização desse grupo, uma vez que todos os “comunistas” seriam iguais, teriam as mesmas características, contribuindo para a construção de estereótipos em torno desse grupo.

Nesse caso, os “comunistas” seriam marcados por uma formação discursiva oposta à que esse usuário assume fazer parte. O enunciador ainda reforça que, “com **comunista** não se dialoga, a gente manda logo tomar no c* e ponto final”, o que, de certa forma, coloca “o comunista” não em uma posição de sujeito - com o qual é possível estabelecer um diálogo - mas “rebaixa-o” à uma posição “animalesca”. Assim, o usuário A coloca os “comunistas” em uma posição de “assujeito”, ou seja, que não é digno de ser chamado de sujeito, e com o qual só é possível se relacionar por meio de insultos, xingamentos, já que ele é marcado por uma diferença que o enunciador não suporta.

Há um certo incentivo, por parte o usuário A, para um discurso violento direcionado aos “comunistas”, que coloca o (O)outro em uma posição de inferioridade, oprimindo e insultando-o de modo a defender uma “verdade” (AMOSSY, 2017). Percebemos, ainda, que no ponto mais alto da prática do discurso da *parrhêsia* (FOUCAULT, 1983), o usuário “apela” para o palavirão, como um “último” recurso e argumento, aqui dirigido aos “comunistas”.

O enunciado “**Comunista** é escorpião, não se deve dar chance para bicho peçonhento”, traz à tona representações sociais e ideológicas atreladas ao “comunista”, evocando determinadas características específicas. No enunciado

proposto, essas “especificidades” são marcadas com certa negatividade, pois remetem às expressões “escorpião” e “bicho peçonhento”, que são usadas para qualificar alguém que é traiçoeiro, venenoso e, portanto, quando “pica”, pode causar mortes.

É possível perceber que o usuário destaca o termo “comunista”, colocando-a em “negrito” todas as vezes em que ela aparece na construção de seu enunciado. O negrito, que tem o intuito de realçar algum termo “importante”, nos revela que esse usuário quer chamar a atenção dos outros membros do seu grupo para esses “comunistas”, alertando-os sobre o perigo que eles representam.

No enunciado “Comunista é escorpião”, percebemos o uso de uma metáfora que compara o “comunista” com esse animal. Essa escolha pode fazer referência a um animal pequeno (insignificante em tamanho), mas que é considerado muito perigoso e fatal, principalmente quando ocorrem infestações que o caracterizam como “pragas”.

Outra característica é a de que o escorpião pode se alimentar de sua própria espécie – caracterizando o canibalismo – e possui um ferrão que contém um veneno que pode ser letal. Em um sentido mais figurado, o escorpião pode simbolizar a morte e o ato de morrer; este animal, ainda, tem como território a tragédia e o clima de tormentas, representando uma potência misteriosa, com um espírito belicoso que está sempre pronto para atacar e matar (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2020, sp).

Com base nesse imaginário do escorpião, o usuário A (re)constrói uma representação em torno do “comunista”, colocando-o como uma praga para o país, um “mal absoluto”. Esse efeito de sentido é marcado pelo uso da polêmica no enunciado (AMOSSY, 2017), que cria, como efeito de sentido, um maniqueísmo que demoniza o (O)outro. Percebemos, também, o uso do ataque *ad hominem*, uma vez que o usuário A ofende, xinga o grupo oposto por meio de expressões pejorativas como “bicho peçonhento” e o uso de uma palavra de baixo calão, o que contribui com a criação de um ambiente de hostilização do outro.

Assim, a única forma de lidar com o “comunista” seria o contra-ataque e o extermínio, que pode ser por meio do “ataque” verbal (xingamento proposto), que não permite estabelecer diálogo com uma “espécie” que se deseja aniquilar e que não procrie. Essa forma de extermínio pode ser percebida no enunciado “não se deve dar chance pra bicho peçonhento”, revelando uma atitude que nos parece preconceituosa em relação a esse (O)outro, que é percebido como um “ser abjeto” (FREUD, 1996) que deve ser eliminado do meu convívio para que eu sobreviva na minha identidade que não admite o diferente.

O imaginário do comunista como venenoso, que pode “matar” – marcado pela expressão “bicho peçonhento” – ressoa, ainda, uma representação do “comunista” compartilhada pelo senso comum e que está presente na memória discursiva: de alguém que é tal vil que “come até criancinhas”.

O enunciado de que “comunistas comem criancinhas” estabelece uma interdiscursividade com o período de seca e fome sofrido pela URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e o agravamento da situação com a I Guerra Mundial, seguida da Revolução e de uma guerra civil (EXPRESSO, 2015, sp).

Historicamente, a China também sofreu um período longo de fome e tanto nessa região quanto na URSS esses períodos acabaram por desencadear surtos de canibalismo. Pelo fato de esses casos terem ocorrido em contextos de governos ditos socialistas – e generalizados como “comunistas” – aqueles que se opunham a esses governos resignificaram esses fatos de modo a construir um enunciado no sentido de que o ato de comer crianças seria uma atitude comum aos “comunistas” (EXPRESSO, 2015), o que alimenta um estereótipo forte em relação a esse regime político.

4.2 Os “bolsominions”

Antes de analisarmos a segunda postagem, ressaltamos que ela se articula a um vídeo publicado no *Twitter*, no qual aparece um cliente que foi em uma das filiais do

Burger King e fez o seu pedido em um totem de autoatendimento¹⁶. Ao digitar o nome, colocou o nome “Bolsonaro” e teve seu pedido “bloqueado” pelo sistema (VEJA, 2018). O vídeo ainda mostra que, ao ter o nome de Bolsonaro bloqueado, o sistema emitiu a seguinte mensagem:

Quadro 2 – Mensagem emitida pelo totem de autoatendimento do Burger King

O nome ou termo digitado não é válido. Por favor, escreva novamente. O BK Brasil repudia todo e qualquer ato de discriminação racial, de gênero, classe social ou qualquer outro tipo. Nossa empresa preza pela igualdade e diversidade.

Fonte: quadro elaborado pelas autoras com base na mensagem mostrada no vídeo publicado pela Veja (2018).

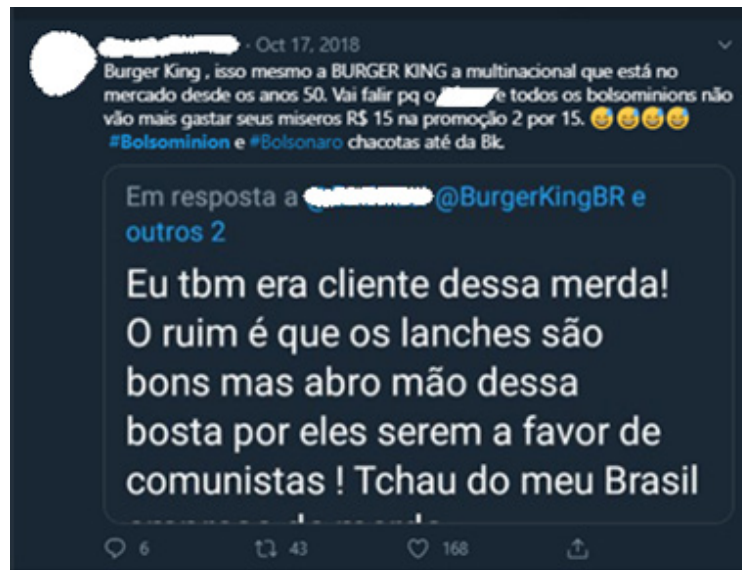
O vídeo também mostra que o cliente tenta digitar o nome de Lula e é aprovado pelo sistema. O vídeo viralizou no *Twitter* e foi postado por um usuário com um pedido de esclarecimento da BK em relação àquela atitude (VEJA, 2018)¹⁷.

Após a grande repercussão do vídeo, um outro usuário realizou uma postagem declarando sua opinião a respeito do ocorrido, o que podemos ver logo abaixo.

Figura 2 – Postagem de Twitter

¹⁶ “O totem de autoatendimento é um terminal conectado ao sistema de atendimento da loja, compartilhando o mesmo banco de dados de produtos e vendas, com o qual o cliente interage para fazer seu pedido, sem interação com agentes humanos. Assim, quando o cliente acessa o totem, ele está interagindo diretamente com o mesmo sistema que os vendedores e caixas do estabelecimento, mantendo o mesmo fluxo de vendas que ocorreria no balcão, sem risco de vendas em duplicidade” (MGITECH, 2020, sp).

¹⁷ O vídeo pode ser assistido na seguinte fonte: VEJA. *Burger King muda auto atendimento após polêmica com nomes de candidatos*. 19 de outubro de 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/burger-king-muda-autoatendimento-apos-polemica-com-nome-de-candidatos/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.



Fonte: *Tweet*. 17 de Outubro de 2018. Acesso em: 17 de Março de 2020.

Quadro 2 - Transcrição da postagem do usuário C.

Burger King, isso mesmo a BURGER KING a multinacional que está no mercado desde os anos 50. Vai falir pq o C e todos os bolsominions não vão mais gastar seus míseros R\$ 15 na promoção 2 por 15. 🤔🤔🤔🤔
#Bolsominion e **#Bolsonaro** chacotas até da Bk.

Fonte: transcrição elaborada pelas autoras com base no *Tweet*.

A parte da postagem que analisamos com mais detalhes trata-se de um *retweet*, ou seja, um compartilhamento de uma postagem com uma espécie de comentário. O comentário feito pelo usuário C busca responder a uma postagem realizada pelo usuário, que optamos por chamar de B¹⁸, a respeito do vídeo no qual o nome de Bolsonaro era vetado no totem de atendimento.

¹⁸ Como não realizaremos uma análise a respeito da postagem do usuário B, mas sim sobre a resposta dada pelo usuário C, optamos por não colocar a postagem no artigo. Trazemos aqui a transcrição da postagem do usuário B: “Eu tbm era cliente dessa merda! O ruim é que os lanches são bons mas abro mão dessa bosta por eles serem a favor de comunistas! Tchou do meu Brasil empresa de merda”. Fonte: *Tweet*. 16 de Outubro de 2018. Acesso em 17 de Março de 2020.

No enunciado “Burger King, isso mesmo a BURGER KING a multinacional que está no mercado desde os anos 50”, o uso do artigo definido feminino no singular, “a” demonstra que o autor da postagem se refere à empresa proprietária dos restaurantes e não a um restaurante específico da rede (O Burger King).

Ressaltamos que ao colocar um nome “próprio” no início da frase, o usuário parece conferir destaque à rede de sanduíches. A ênfase no nome da empresa é reforçada pelo uso da caixa alta e a repetição do nome (isso mesmo a BURGER KING). Nesse sentido, o enunciado reforça que se trata de um chamado à famosa e internacional rede de lanches, não apenas no Brasil, mas mundialmente.

No enunciado “Vai falir pq o B e todos os bolsominions não vão mais gastar seus míseros R\$ 15 na promoção 2 por 15”, percebemos o uso da ironia, uma vez que há um deslocamento de efeito de sentido, de modo a provocar uma certa “ambiguidade” de significação. A ironia, aqui, parece apontar para um deboche, na medida em que o usuário C toma o dizer do usuário B com o objetivo de ridicularizar e inferiorizar o enunciado e a ideia nele veiculada (AMOSSY, 2017).

Assim, percebemos um certo tom pejorativo do usuário ao se referir tanto ao usuário B e aos “bolsominions”, quanto à atitude por eles tomada. Após trazer o nome da rede de empresas, o enunciado informa que a Burger King é uma multinacional e está no mercado desde os anos 50. Esses dados são trazidos à tona com o intuito de mostrar que se trata uma empresa idônea e que seu reconhecimento é mundial, o que remete ao efeito de sentido de que, dada a sua relevância, tanto as atitudes do usuário B quanto de quaisquer “bolsominions” tornam-se “insignificantes” em relação ao alcance da multinacional.

No enunciado “Vai falir pq o B e todos os bolsominions não vão mais gastar seus míseros R\$ 15 na promoção 2 por 15”, o usuário C coloca B e os apoiadores de Bolsonaro em uma posição de inferioridade, de forma que todos eles poderiam parar de frequentar a rede que nenhuma diferença faria. Além disso, percebemos que o

pronome indefinido “todos” pode desencadear uma representação generalizada e homogênea do grupo dos seguidores de Bolsonaro, de modo que seriam todos iguais e “insignificantes”.

A utilização da palavra “miseros” confere à situação de enunciação certa ironização, como se o enunciador “brincasse” com sentidos possíveis da palavra. Ao mesmo tempo que pode se referir ao pouco dinheiro que seria gasto por cada um para comprar os lanches, o que indicaria, até preconceituosamente, que é uma quantia muito baixa o valor dispendido na compra e que não faz diferença para a companhia, o adjetivo também pode estar associado às características direcionadas para qualificar o grupo “oposto”, no que diz respeito à sua mentalidade e atitudes. O enunciador C inclui B no grupo dos “bolsominions”, ao mesmo tempo em que parece se classificar como um membro da formação discursiva que se opõe a Jair Bolsonaro.

A representação do grupo “oposto” é reforçada pelo próprio uso do termo “bolsominions” e a *hashtag* que é colocada no final da postagem em negrito, de modo a chamar atenção e conferir um maior destaque ao termo. O termo “bolsominions”, como já apontamos, reforça uma representação dos apoiadores de Jair Bolsonaro como “criaturas” que não agem e pensam por conta própria, apenas imitam e “aplaudem” tudo o que seu líder faz.

O termo utilizado pode ainda fortalecer o imaginário do “bolsominion” como um ser que não sabe dialogar, apenas emitir ruídos, gritas e murmúrios. Dessa forma, vemos a representação do candidato do PSL, e de seus apoiadores, como sujeitos que apresentam um dizer violento, ofensivo, um falar franco por dizerem tudo o que pensam, mas de maneira desordenada e irracional.

Essa posição de inferioridade conferida aos “bolsominions” pode, ainda, ser apontada pelo emprego da letra minúscula no termo, não classificando a expressão como um nome próprio, mas como uma “classe”, um grupo que não merece respeito.

Ao final da postagem, o enunciador traz quatro *emojis*¹⁹ com um sorriso e uma gota de suor no rosto, que são geralmente utilizados para indicar “alegria com um misto de alívio” (CANALTECH, 2020, sp). Esse *emoji* também é usado para demonstrar que alguém acabou de passar por uma situação difícil ou para assinalar que a pessoa está desconfortável com alguma situação (CANALTECH, 2020, sp). Na postagem pode acarretar uma produção de sentido de que o usuário está “sem graça” com a “fala” de B e dos “bolsominions”, em uma espécie de estado de “vergonha alheia”, ou seja, numa situação “embaraçosa”.

O *emoji* também pode sugerir ironia e deboche como na expressão “rindo para não chorar”, que se refere a uma situação que é tão absurda que é melhor rir e “zombar” dela, do que pensar em sua “gravidade”, ao ponto de chorar.

O *emoji* também pode ser compreendido como um ato de “suar frio”, depois de realizar uma provocação aos “Bolsominions” e de se colocar em uma situação “difícil”, após dizer que eles não fariam diferença alguma para a rede Burger King sem seus “miseros R\$ 15 na promoção 2 por 15”.

Por fim, a postagem traz a seguinte frase “#Bolsominion e #Bolsonaro chacotas até da Bk”. As *hashtags* são utilizadas como palavras-chave do enunciado e ao trazê-las o enunciador parece estar citando esses grupos ou pessoas e, ao “citá-las”, o usuário as classifica como “chacotas”, termo que se refere a um comportamento digno de “zombaria”, de humilhação e rebaixamento.

O usuário C coloca o seu dizer em uma certa posição de superioridade, como “verdade” e ao ser “detentor da verdade”, o enunciador se apresenta um falar franco que o permite debochar e desvalorizar Bolsonaro e os “bolsominions”, uma vez que

¹⁹ “Emoji (*pictograma*) é uma palavra derivada da junção dos termos em japonês: e (絵 “*imagem*”) + moji (文字 “*letra*”). Com origem no Japão, os emojis são ideogramas e *smileys* usados em mensagens eletrônicas e páginas web para produzir certos efeitos de sentido. Eles são frequentemente usados nas redes sociais durante conversas e postagens e “servem como complemento para quando alguém deseja expressar o que está sentindo, mas não deseja usar palavras” (CANALTECH, 2020, sp).

são “criaturas”, assujeitadas. Aqui, vemos o grupos dos “bolsominions” ser colocado pelo enunciador como um “de fora”, que se torna estranho (FREUD, 1996).

5 Considerações finais

Diante do que apontamos e, principalmente, das análises que trazemos no decorrer deste artigo, percebemos que as comunidades discursivas polarizadas colocaram o (O)outro (seja ele de qual formação discursiva for) em uma posição de estrangeiro, um “de fora”. Nesse sentido, o (O)outro, muitas vezes, foi concebido como um “estranho” (FREUD, 1996) e, até mesmo, como um monstro, um abominável, que não é tomado como parte constituinte do “eu”. Essa relação acaba por reforçar a exclusão do (O)outro e a deslegitimação desse discurso outro, que não é familiar a quem o promove.

A relação do (O)outro como um de “fora” também operou para a defesa de uma verdade única, ou seja, de que um lado (Bolsonaro ou Haddad) - e sua verdade - é legítimo. A sustentação de uma “verdade absoluta” operou para a legitimação dos dizeres de um dos polos e a autorização para se “falar o que pensa”, ofender um outro e reduzi-lo a uma posição de inferioridade, justamente porque não se reconhece nesse (O)outro uma subjetividade, tornando-o uma “coisa abjeta” e não merecedora do respeito que o torna digno de humanidade.

A *parrhésia* (FOUCAULT, 1983) propiciou a emergência de uma violência discursiva que se pautou em xingamentos, insultos, uso de palavrões e, muitas vezes, ataques *ad hominem* (AMOSSY, 2017). Desse modo, percebemos que a construção dos enunciados não estava voltada, em sua maioria, em formar argumentos para defender um candidato, ou outro, mas sim em dizeres que ofendiam e atacavam diretamente o (O)outro.

As representações em torno dos candidatos e seus grupos apoiadores foram pautadas na generalização e na homogeneização, de modo a rotular e colocar o (O)outro

em uma caixinha identitária da qual ele não poderia sair, criando estereótipos. Ao colocarem o (O)outro como um de fora, os grupos sugeriam que não teriam semelhança alguma com o grupo oposto, não conseguindo notar a diferença sem estereotipá-la, e o que era diferente passou a ser inconcebível também.

O próprio termo “comunista” adquiriu um tom pejorativo e passou a classificar qualquer membro das comunidades discursivas de esquerda como “perverso”. Já aqueles que não se identificavam com a esquerda eram rotulados de “Bolsominions”, de modo que a oposição entre “coxinhas” e “petralhas” pareceu se atualizar como “Bolsominions” x “Comunistas”, no contexto digital das eleições de 2018.

Percebemos, também, que as comunidades discursivas polarizadas foram responsáveis por criar coletivamente representações do grupo oposto, como, por exemplo, esse imaginário dos Bolsominions ou dos Comunistas, o que acabou por acarretar a criação de verdades e “vontades de verdade” que foram sustentadas por esses grupos de forma agressiva e irracional, muitas vezes.

Dessa forma, enquanto houver o movimento da exclusão, de colocar o (O)outro como um de fora, a polarização continuará ocorrendo, constituindo estruturalmente uma grande ironia, uma vez que um polo só existe por conta da existência do outro, que o reforça enquanto oposição absoluta.

Esse estudo buscou trazer alguns indícios para compreender, de alguma forma, o que nos trouxe até o contexto atual de polarização extrema e que tem caracterizado antagonismos ideológicos e políticos não apenas no Brasil, mas no mundo contemporâneo. Assim, a força do discurso pode unir para o diálogo, mas também segregar o outro para a condição de desumanidade, o que destrói a possibilidade de uma transformação coletiva tão desejada, mas tão desprezada nas ações políticas de cunho individualista.

Referências

ALMEIDA, B. C. Poder e verdade a partir de Michel Foucault. *Ítaca*, n. 21, p. 175-196, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/240>. Acesso em: 20 mar. 2021.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AO VIVO DE BRASÍLIA. **Governo de Brasília Fecha Esplanada para fase final do Impeachment de Dilma**, 29 ago. 2016. Disponível em: <https://www.aovivodebrasil.com.br/governo-de-brasil-fecha-esplanada-para-fase-final-do-impeachment-de-dilma/>. Acesso em: 28 out. 2020.

BERNARDO, J. Hipertexto, diversidade e gênero textual no facebook. *In: IV SIELP-SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA*, 2014. **Anais**. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2014. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/99.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BOBBIO, N. **As ideologias e o poder em crise**. 3ª edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAMBRIDGE DICTIONARY. **United Kingdom**, 2020. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/>. Acesso em: 18. mar. de 2020.

CANAL TECH. **Emojis**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/>. Acesso em: 16. jan. 2021.

CHAIA, V. L. M; BRUGNAGO, F. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 7, n. 21, p. 99-129, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/22032>. Acesso em: 20 mar. 2021.

COURTINE, J. **Análise do discurso político: discurso comunista endereçado aos cristãos**. EdUFSCar, 2009.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2006.

DERRIDA, J. Hospitality. *Angelaki – Journal of the theoretical humanities*, v. 5, n. 3. Taylor & Francis Ltd and the Editors of Angelaki, 2000.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/escorpiao/>. Acesso em: 18 de mar. de 2020.

ESTEBAN, J.M.; RAY, D. On the Measurement of Polarization. *Econometrica*, New York, n. 62, p. 819-851, n.4, jul. 1994. DOI <https://doi.org/10.2307/2951734>

EXPRESSO. **Porque se dizia que os comunistas comiam crianças?** 14 de novembro de 2014. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2015-11-14-Porque-se-dizia-que-os-comunistas-comiam-criancas--1>. Acesso em: 15 mar. 2021.

FAZENDA, I. (Org). **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, p. 17-28, 2008. FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade-trasndisciplinaridade.

FREITAS, E. C; BOAVENTURA, L. H. Cenografia e ethos: o discurso da intolerância e polarização política no Twitter. *Letras de Hoje*, v. 53, n. 3, p. 449-458, 2018. DOI <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.3.30796>

FREUD, S. (1919). O estranho. In *Ed. standard bras.*, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 8ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. SP; Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GREGOLIN, M. R. AD: descrever - interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In NAVARRO, P. (org.) **Estudos do texto e do discurso – mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz Editora, 2006.

LENOIR, R. B. FAZENDA, I. **Les fondements de l'interdisciplinarité dans la formation à l'enseignement**. Canadá: Editions du CRP/Unesco, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005.

MEDINA, J. Identity trouble: Disidentification and the problem of difference. **Philosophy & social criticism**, v. 29, n. 6, p. 655-680, 2003. DOI <https://doi.org/10.1177%2F0191453703296002>

MGI TECH. **Totens de auto atendimento**. Disponível em: <https://www.mgitech.com.br/totem-de-autoatendimento#:~:text=Essencialmente%2C%20o%20totem%20%C3%A9%20um,sem%20intera%C3%A7%C3%A3o%20com%20agentes%20humanos>. Acesso em: 16 jan. 2021.

MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2020. Disponível em: <https://www.mpl.org.br/>. Acesso em: 21 de out, 2020.

MURTHY, D. Digital Ethnography: an examination of the use of new technologies for social research. **Sociology**, v. 42, n. 5, p. 837-855, 2008. Disponível em: <http://www.academia.edu/971211/Digital_Ethnography_An_Examination_of_the_Use_of_New_Technologies_for_Social_Research>. Acesso em: 11 mai. 2020.

OLIVEIRA, I. L. Etnografia digital: o uso das TIC na pesquisa social, novos métodos de observar. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 190-203, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6513179>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP, ed. Pontes, 2003, 4ª edição.

PACETE. G. **Entenda como o tchau querida ganhou as redes**. 11 mai. 2016. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2016/05/11/criadores-comemoram-viralizacao-do-tchau-querida.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1998.

REES, D. K; MELLO, H. A. B. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira. **Cadernos do IL**, n. 42, p. 30-50, 2011. DOI <https://doi.org/10.22456/2236-6385.26003>

SILVA, W. A.; MORAES, R. A. de. Direita e esquerda no pensamento de Norberto Bobbio. **Agenda Política**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 168-192, 2019.

SOUZA RAMOS, J; FREITAS, E. T. Dossiê temático: Etnografia digital. **Antropolítica. Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 42, 2018. DOI <https://doi.org/10.22409/antropolitica2017.1i42.a41882>

SPRADLEY, J. **Participant observation**. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1980.

TEIXEIRA, E. F. B. Emergência da inter e da transdisciplinaridade na universidade. **Inovação e interdisciplinaridade na universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 1, p. 58-90, 2007.

VEJA. **Burger King muda auto atendimento após polêmica com nomes de candidatos**. 19 out. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/burger-king-muda-autoatendimento-apos-polemica-com-nome-de-candidatos/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

WIKIPEDIA. **Meu Malvado Favorito**, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Despicable_Me. Acesso em: 20 mar. 2021.

Artigo recebido em: 20.03.2021

Artigo aprovado em: 15.09.2021